

mergulho cego

OBRAS DE
MARIA FRADINHO

CURADORIA ANA ANACLETO

3ª BOLSA DE RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NA RAMA - RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS,
APOIADA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS

WORKS BY MARIA FRADINHO
CURATED BY ANA ANACLETO

3rd GRANT FOR ARTISTIC RESIDENCE IN RAMA,
SUPPORTED BY THE MUNICIPALITY OF TORRES VEDRAS

MERGULHO CEGO

Saber que se respira, sentir a transpiração que se espalha na pele, ser coberto por uma pele, saber dos inúmeros vasos sanguíneos, das artérias, dos ossos, sentir o sangue pulsar, a saliva na boca, ter náuseas, pôr a mão sobre o peito e acompanhar o seu erguer-se e o seu baixar, saber que se tem pulmões, saber que se nasceu de outro corpo, do corpo da mãe, ouvir o grito que se vai soltar.¹

Perdemos, há muito, a relação atenta com o corpo.

Ouvir o corpo, escutar as suas demandas, permitirmo-nos o acesso a processos internos de comunicação, estudá-lo, usá-lo com cuidado, cuidá-lo, observar a sua condição de veículo de energia, de estrutura que simultaneamente filtra, segrega e permite a construção de experiências, determinar os seus limites e ultrapassá-los, testar as suas máximas e mínimas condições de possibilidade, conhecê-lo por forma a garantir um conhecimento mais amplo de nós.

Neste fluxo temporal em que nos vemos inseridos – que abarca o tempo cronológico mas também o tempo histórico – percebemos sermos o resultado de uma conjuntura cultural que se afastou do corpo, ou que civilizacionalmente afastou o corpo de si, tornando-o e entendendo-o como uma ferramenta funcional dominada e controlada pelo trabalho e pela medicina moderna. Longe (temporalmente, mas também geograficamente) encontramos os lugares onde o corpo permanece como suporte vivo de relação com o mundo, entendido nas suas múltiplas dimensões (físicas, psíquicas ou neurais), visto como portal de acesso à experiência mas também como construtor da experiência e responsável pela gestão dos seus efeitos no indivíduo.

A apreensão da vida pelo corpo e a somatização dos seus múltiplos efeitos no sujeito são matéria amplamente estudada pelas várias áreas do conhecimento e da ciência, no entanto, a riqueza e a possibilidade da sua integração nos processos de criação é algo que os artistas conhecem bem, dominam e estimulam, mas continua a constituir para nós, espectadores, um dos seus mais extraordinários enigmas.

Parece-nos pertinente convocar para este universo de reflexão, em torno das experiências somáticas e das implicações do corpo na criação, uma interessante referência cuja matriz está mais próxima da dança e de uma ancestralidade do movimento rítmico: a Dança Extática. Este procedimento permite ao sujeito, através de um envolvimento desprendido de regras e assente apenas no ritmo, uma libertação física que acaba por poder conduzi-lo a um estado de transe ou de êxtase. O corpo é portanto utilizado como veículo para a produção de sensações, que conduzirão a imagens que conduzirão a mais sensações, numa espécie de loop contínuo que permite um contacto consigo, com as suas próprias emoções mas também com outras e novas realidades exteriores ao sujeito. A cultura do clubing e das festas rave é muitas vezes entendida como uma aproximação ocidental e urbana a uma prática que sistematicamente foi sendo afastada dos contextos culturais do Norte Global.

Se recuarmos aos anos de 1970 encontramos nos EUA uma interessante terapia alternativa de cura e auto-cuidado fundada pelo psicólogo e psicoterapeuta Peter Levine e cuja matriz é baseada num modelo de experiência somática. Dividido em cinco fases distintas mas inter-relacionadas, é considerado tanto como um modelo de experiência como de dissociação, visando o auto-conhecimento, e pressupõe a valorização de cada uma das

fases da experiência destacando como relevantes a Sensação, a Imagem, o Comportamento, o Afecto ou Afectação e o Significado ou Sentido.

Serve-nos este enquadramento para procurarmos entender a produção artística de Maria Fradinho, o seu processo de trabalho e, muito concretamente, o conjunto de obras produzidas durante a residência de criação na RAMA, nas aldeias de Maceira e Alfeiria, no concelho de Torres Vedras, que agora se apresentam em exposição com o título “Mergulho Cego”.

Profundamente comprometida com uma metodologia que começa por implicar directamente o corpo enquanto agente performativo, autor de acções (umas vezes muito comuns, outras vezes bastante radicais) sobre o mundo real – o caminhar, o olhar, o escutar, o contactar, o percorrer, o estar – o seu processo de trabalho tem vindo a evoluir a partir de uma ideia de permanente deslocação e viagem para uma ideia de presença e concentração do movimento em relação (ou reacção) a um determinado lugar. Procurando estabelecer uma relação de conhecimento partilhado e cúmplice com os materiais – deixando que estes lhe passem pelo corpo, possibilitando processos de agregação e quase fusão – e promovendo uma espécie de escuta interna que resulta em acções propiciatórias de movimento, desenvolve um conjunto de gestos físicos que são transcritos para os suportes de papel ou tela sem controlo objectivo. É convocado um determinado estado mental no qual o acesso a um esqueleto emocional se faz a partir do movimento, gerando (à semelhança da Dança Extática) novas emoções que permitem novas ideias visuais de movimento, num registo cíclico e intenso.

Herdeira de um conjunto de acções e ideias plásticas que reconhecemos desenvolvidas por mulheres artistas – casos de Ana Mendieta, Carolee Schneeman, Yvonne Rainer, Trisha Brown, Adrian Piper, Yoko Ono, Joan Jonas ou Marina Abramovic – amplamente engajadas nas teorias feministas e na recuperação de uma ideia de poder do corpo enquanto modelo de relação com o mundo, e particularmente com a natureza, Maria Fradinho desenvolveu um extenso corpo de trabalho a partir justamente desse encontro do corpo com o lugar, com a aldeia e a sua envolvente natural. A coreografia de movimentos que foi desenvolvendo com o seu corpo – atravessado por emoções várias – é amplamente devedora de uma relação impressiva com a natureza envolvente, resultando em gestos pictóricos carregados de intenção e expressão.

Trata-se, diríamos, de um processo de incorporação.

Está ali o corpo todo, integral. Pernas, braços, cabelos, entranhas, sistema nervoso central, ... mas também a voz, as convicções vigorosas, os deslizos e hesitações, as dores, a alegria absoluta e o respirar.

Ao espectador cabe agora a tarefa de deixar o seu olhar conduzir-se pela coreografia de gestos, permitir-se o risco, assumir o lugar do mergulhador e saltar cegamente ... em apneia.

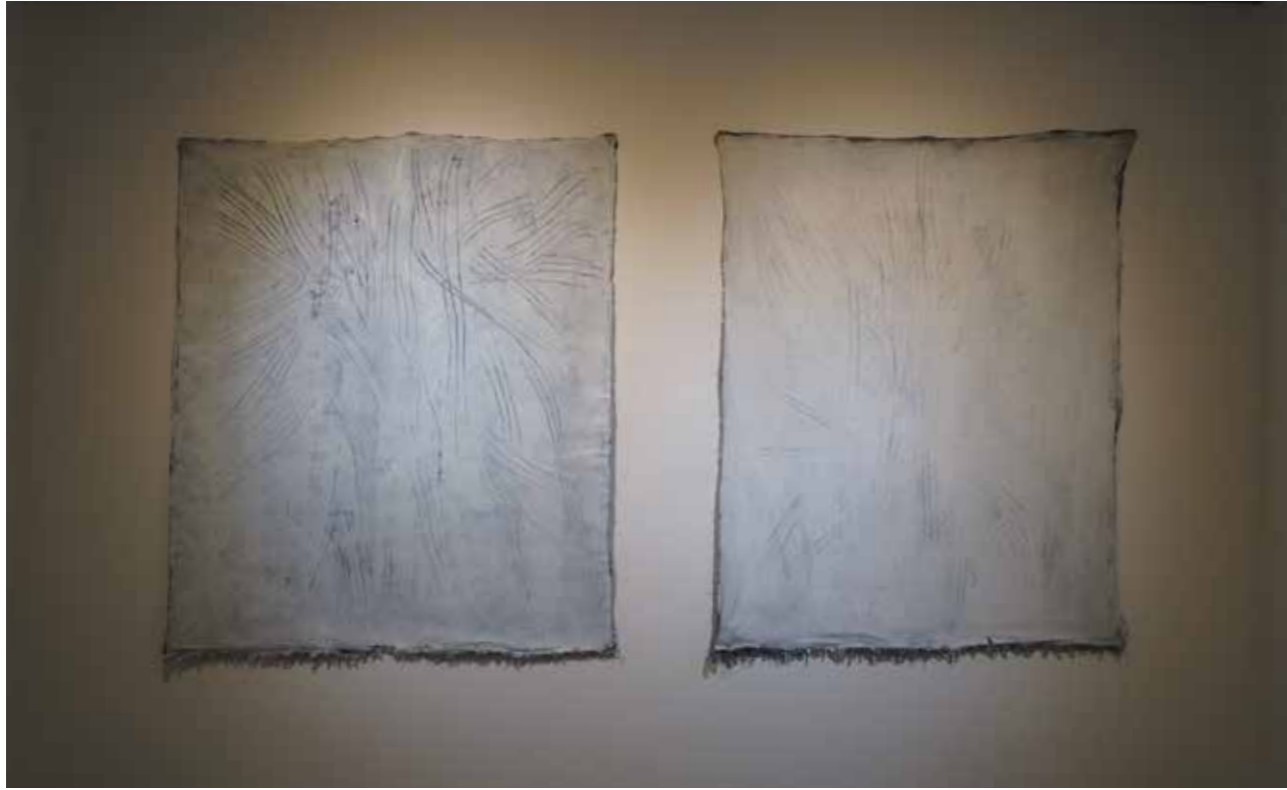
Ana Anacleto
Janeiro 2024

Texto escrito segundo antigo acordo ortográfico

¹ Molder, Maria Filomena

“O Absoluto que pertence à Terra”, Edições do Saguão, Lisboa, 2020











Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Técnica mista sobre papel / Mixed
 media on paper
 89 x 281 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 4

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Técnica mista sobre papel / Mixed
 media on paper
 89 x 281 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 3

Sem título (da série Armadilha) /
 Untitled (part of the Armadilha series),
 2023
 Carvão sobre tela / Charcoal on canvas
 150 x 123 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 6

Sem título (da série Armadilha) /
 Untitled (part of the Armadilha series),
 2023
 Carvão sobre tela / Charcoal on canvas
 150 x 130 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 5|6

Sem título (da série Armadilha) /
 Untitled (part of the Armadilha series),
 2023
 Carvão sobre tela / Charcoal on canvas
 150 x 120 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 5|6

Sem título (da série Armadilha) /
 Untitled (part of the Armadilha series),
 2023

Carvão sobre tela / Charcoal on canvas
 150 x 170 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 6

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 147,5 x 136,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 10|11

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 27 x 39 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 10

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Técnica mista sobre papel / Mixed
 media on paper
 145,5 x 201,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 7

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Técnica mista sobre papel / Mixed
 media on paper
 139 x 238 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 6|8

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 51 x 38,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 37,5 x 19,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 38,5 x 27 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 39 x 27 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 9

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 39 x 27,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 9

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 39 x 27,5 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 9

Sem título (da série Fuga) / Untitled
 (part of the Fuga series), 2023
 Guache sobre papel / Gouache on paper
 63,5 x 35 cm
 Cortesia da artista / Courtesy of the
 artist
Pag. 10

BLIND DIVE

Knowing that you breathe, feeling the perspiration that spreads on your skin, being covered by skin, knowing about the countless blood vessels, arteries, bones, feeling the blood pulsating, the saliva in your mouth, having nausea, putting your hand on the chest and watch it rise and fall, know that you have lungs, know that you were born from another body, from your mother's body, hear the scream that is about to be released.¹

We have long lost our attentive relationship with our bodies.

Listen to the body, listen to its demands, allow ourselves access to internal communication processes, study it, use it carefully, care for it, observe its condition as a vehicle of energy, a structure that simultaneously filters and segregates and allows the construction of experiences, determining its limits and exceeding them, testing its maximum and minimum conditions of possibility, getting to know it in order to guarantee a broader knowledge of us.

In this temporal flow in which we find ourselves inserted – which encompasses chronological time but also historical time – we realize that we are the result of a cultural situation that has moved away from the body, or that civilizationally has moved the body away from itself, making it and understanding it as a functional tool dominated and controlled by work and modern medicine. Far away (temporally, but also geographically) we find places where the body remains as a living support for a relationship with the world, understood in its multiple dimensions (physical, psychic or neural), seen as a portal of access to experience but also as a builder of experience and responsible for managing its effects on the individual.

The apprehension of life by the body and the somatisation of its multiple effects on the subject is a matter widely studied in various areas of knowledge and science, however, the richness and possibility of its integration in the creation processes is something that artists know well, dominate and stimulate, but continues to constitute for us, the spectators, one of its most extraordinary enigmas.

It seems pertinent to us to call into this universe of reflection, around somatic experiences and the implications of the body in creation, an interesting reference whose matrix is closer to dance and an ancestry of rhythmic movement: Ecstatic Dance. This procedure allows the subject, through an involvement free from rules and based solely on rhythm, a physical release that can ultimately lead them to a state of trance or ecstasy. The body is therefore used as a vehicle for the production of sensations, which will lead to images that will lead to more sensations, in a kind of continuous loop that allows contact with oneself, with one's own emotions but also with other and new realities external to the subject. The culture of clubbing and rave parties is often understood as a Western and urban approach to a practice that has been systematically removed from the cultural contexts of the Global North.

If we go back to the 1970s, we find in the USA an interesting alternative healing and self-care thera-

¹ Molder, Maria Filomena
"O Absoluto que pertence à Terra", Edições do Saguão, Lisboa, 2020

py founded by psychologist and psychotherapist Peter Levine and whose matrix is based on a model of somatic experience. Divided into five distinct but interrelated phases, it is considered both as a model of experience and dissociation, aiming at self-knowledge, and presupposes the appreciation of each of the phases of experience, highlighting as most relevant Sensation, Image, Behaviour, Affection and Meaning or Sense.

This framework serves us to seek to understand Maria Fradinho's artistic production, her work process and, very specifically, the set of works produced during her creative residency at RAMA, in the villages of Maceira and Alfeiria, in the municipality of Torres Vedras, which are now on display under the title "Mergulho Cego [Blind Dive]".

Deeply committed to a methodology that begins by directly involving the body as a performative agent, author of actions (sometimes very common, other times quite radical) on the real world – walking, looking, listening, contacting, travelling, being – her work process has been evolving from an idea of permanent displacement and travel to an idea of presence and concentration of movement in relation (or reaction) to a certain place. Seeking to establish a relationship of shared and complicit knowledge with materials – allowing them to pass through the body, enabling processes of aggregation and almost fusion – and promoting a type of internal listening that results in actions that promote movement, she develops a set of physical gestures which are transcribed onto paper or canvas without objective control. A certain mental state is summoned in which access to an emotional skeleton is achieved through movement, generating (similar to Ecstatic Dance) new emotions that allow new visual ideas of movement, in a cyclical and intense mode.

Heir to a set of actions and visual ideas that we recognize as developed by women artists – such as Ana Mendieta, Carolee Schneeman, Yvonne Rainer, Trisha Brown, Adrian Piper, Yoko Ono, Joan Jonas or Marina Abramovic – widely engaged in feminist theories and in the recovery of an idea of the power of the body as a model of relationship with the world, and particularly with nature, Maria Fradinho developed an extensive body of work based precisely on this encounter between the body and the place, with the village and its natural surroundings. The choreography of movements that she developed with her body – crossed by various emotions – is largely due to an impressive relationship with the surrounding nature, resulting in pictorial gestures loaded with intention and expression.

It is, we would say, a process of embodiment. The whole body is there, complete. Legs, arms, hair, intestines, central nervous system, ... but also the voice, the vigorous convictions, the slips and hesitations, the pain, the absolute joy and the breathing.

The spectator is now left with the task of letting their gaze be guided by the choreography of gestures, allowing themselves to take risks, taking the place of the diver and jumping blindly... in apnea.

Ana Anacleto
January 2024

Agradecimentos | Acknowledgement

A RAMA gostaria de agradecer à Câmara Municipal de Torres Vedras e à ESAD.CR toda a colaboração e cooperação prestadas no âmbito do protocolo relativo à Bolsa de Criação para artistas finalistas de mestrado em Artes Plásticas, bem como à equipa da Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras por toda a articulação e acompanhamento prestado na preparação desta exposição. O agradecimento estende-se ainda à Junta de Freguesia de Dois Portos e Runa, à Junta de Freguesia de Carvoeira e Carmões e às suas comunidades.

Maria Fradinho gostaria de agradecer a Ana Anacleto, a Paulo Brighenti, à RAMA, a Alfredo Pirri, à ESAD.CR, à Câmara Municipal de Torres Vedras e à equipa da Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras.

RAMA would like to thank Torres Vedras City Council and ESAD.CR for all the collaboration and cooperation provided within the scope of the protocol relating to the Creation Grant for finalist artists of the Masters in Visual Arts, as well as the team at Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras for all the articulation and follow-up provided in the preparation of this exhibition. Thanks also extend to the Parish Council of Dois Portos and Runa, the Parish Council of Carvoeira and Carmões and their communities.

Maria Fradinho would like to thank Ana Anacleto, Paulo Brighenti, RAMA, Alfredo Pirri, ESAD.CR, Torres Vedras City Council and the Paços – Galeria Municipal de Torres Vedras team.